



## GT 011. Antropologia da Moral e da Ética

Carlos Eduardo Valente Dullo (UFRGS) -  
 Coordenador/a, Roberta Bivar Carneiro Campos  
 (Universidade Federal de Pernambuco) -  
 Coordenador/a

A Antropologia se desenvolveu debatendo as regras e normas sociais, os processos de julgamento e atribuição de responsabilidade, as formas de sanção e punição, as prescrições e proibições, bem como os efeitos sociais das transgressões. A problemática da moralidade não é, portanto, estranha para a nossa disciplina. Entretanto, não se constituiu, até recentemente, um campo de pesquisa como o da Moral e da Ética. Tendo início com o debate sobre a tensão entre o universalismo moral e o relativismo das moralidades locais, passando pela redefinição dos conceitos de moral e ética sob a ética específica da Antropologia, esta agenda teórico-metodológica volta-se principalmente para uma preocupação com novos recortes empíricos como as figuras exemplares, as conceituações de liberdade e responsabilidade, as práticas de cuidado (care), os processos de recuperação após momentos críticos, as respostas sociais a tragédias, entre tantos outros recortes que observem seja o evento ordinário seja o extraordinário momento de quebra ou (re)instituição da moral - bem como as maneiras pelas quais os processos de mudança e de conservação se atualizam. Seguindo, portanto, a proposta de Laidlaw, Fassin, Robbins, Keane e Das (entre outros) uma antropologia que se volte para estes fenômenos compor, necessariamente, uma chave analítica transversal às mais diversas temáticas: religião, política, economia, família e parentesco, saúde e bem-estar, natureza e animais, direito, gênero e sexualidade etc.

### **"Maltrapilho como a sociedade me vê? não!": dilemas morais e ética cotidiana entre pessoas em situação de rua**

**Autoria:** Rodrigo Rafael Souza e Silva, Thiago Santos da Silva

A presente proposta de comunicação tem por objetivo apresentar uma análise do sentido atribuído por pessoas em situação de rua à noção de dignidade, via antropologia das moralidades. A questão central aqui é discutir quais as modificações que a transição à situação de rua imputa aos interlocutores fazendo com que estes reconfigurem e/ou ressignifiquem sua percepção sobre os valores ético-morais, e consequentemente sobre sua noção de dignidade. Tendo como premissa a ideia de que tal noção é estruturada a partir da relação entre as experiências emocionais (o sentir-se digno) e a reconfiguração dos valores morais (o saber-se digno). Aqui, o que nos importa é olhar a maneira pela qual os interlocutores lidam no seu cotidiano com a atualização da ética, como se distanciam, aproximam ou estabelecem critérios outros para agir no mundo e se perceber nele. Visto que a situação de rua, em grande maioria dos casos, não é um desejo dos sujeitos, mas se coloca como uma fatalidade que, dali em diante, será definidora no âmbito social de seu valor moral e de sua dignidade: são marcados pelo estigma daqueles que fracassaram. O confronto entre a imagem do que deveria ser e do que é, que não se pode mudar por força do esforço próprio, faz com que a experiência de ser humilhado, desrespeitado e envergonhado seja sempre presente. Contudo, estes sujeitos sabem que estão sob jugo de um estigma social e que não correspondem, de um tudo, a ele. Assim, têm que refazer seus projetos de vida e reconfigurar seus valores morais e são levados a estabelecer novos critérios para a noção do que é uma vida digna. O lastro etnográfico desta proposta está baseado na pesquisa desenvolvida por um dos autores, que é resultado de sua dissertação de mestrado em antropologia, na qual discute as maneiras pelas quais os indivíduos que se encontram em situação de rua, na cidade de Recife-PE, percebem a noção de dignidade e de si como digno.

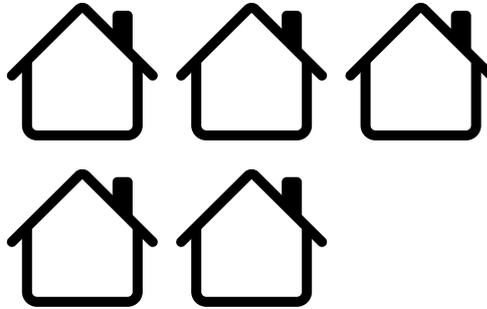
[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

